

O tripé da resistência civil: unidade, planejamento, disciplina

The Trifecta of Civil Resistance:
Unity, Planning, Discipline

Hardy Merriman

opendemocracy.net, November 19, 2010

tradução: João Vicente de Paulo Júnior, May 2017
Evaluated by Maíra Irigaray Castro

O tripé da resistência civil: unidade, planejamento, disciplina

HARDY MERRIMAN

Publicado em: opendemocracy.net, em 19 de novembro de 2010

Três atributos podem fazer a diferença entre o sucesso e o fracasso de movimentos não-violentos em todo o mundo: unidade, planejamento e disciplina da não-violência.

O que determina a eficácia dos movimentos não-violentos (ou pacíficos) de resistência civil?

Se aceitarmos a suposição básica de que, na política, “o poder nunca é dado, o poder é sempre tomado”, a conclusão a que se chega necessariamente é que os movimentos históricos sem violência tiveram êxito porque, de alguma forma, exerceram um poder maior do que o dos seus adversários.

Essa conclusão não apenas vai contra o pressuposto geralmente aceito de que o poder, em última análise, emana do controle dos recursos materiais e da capacidade para a violência, mas também abre uma linha direta para questioná-lo. Caso tal pressuposto estivesse inteiramente correto, os movimentos não-violentos fracassariam de forma categórica contra adversários mais bem armados e dotados de mais recursos. O que a história revela, porém, é uma cronologia de muitas lutas não-violentas bem-sucedidas, que se estende por mais de um século, com protagonistas e causas tão diversas quanto a própria humanidade. Eis alguns exemplos:

- Nas décadas de 1930 e 1940, os indianos conquistaram a independência ao iniciarem um movimento maciço de não-cooperação (boicotes econômicos, boicotes escolares, greves, recusa ao pagamento de tributos, desobediência civil, pedidos de demissão) que ameaçou tornar a Índia ingovernável e acabou por convencer os britânicos a deixar o país;
- Durante as décadas de 1950 e 1960, o Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos conquistou a igualdade de direitos por meio de campanhas não-violentas como os boicotes aos ônibus na cidade de Montgomery, capital do Alabama, e a ocupação dos balcões de restaurantes de Nashville, capital do Tennessee. Essas campanhas exploraram pontos fracos do sistema de segregação institucionalizado e conquistaram o apoio de pessoas de todo o país;
- De 1965 a 1970, o sindicato dos trabalhadores agrícolas unidos dos Estados Unidos (*United Farm Workers*), uma organização local praticamente sem financiamento, cresceu e ganhou uma presença nacional por meio do uso acertado de greves e boicotes contra vinícolas da Califórnia;
- Em 1986, nas Filipinas, ativistas se uniram a desertores das forças armadas para convocar milhões para protestar contra a ditadura de Ferdinand Marcos, apoiada pelos Estados Unidos. Como suas opções foram se reduzindo rapidamente em vista desse levante não-violento, Marcos fugiu do país;

- Em 1988, os chilenos superaram o medo incutido pela ditadura brutal de Augusto Pinochet e deram início a campanhas e protestos contra ele. Essas ações tanto abalaram o apoio a Pinochet que até mesmo seus colegas da junta militar já não eram mais leais a ele no ápice da crise, e o ditador acabou sendo forçado a deixar o poder;
- Entre 1980 e 1989, os poloneses organizaram um sindicato independente como parte do movimento “Solidariedade” e retomaram seu país, então sob o domínio soviético;
- Em 1989, protestos e greves que vieram a se tornar conhecidos como a Revolução de Veludo levaram à queda pacífica do regime comunista na Tchecoslováquia. Ações semelhantes resultaram em transições pacíficas na Alemanha Oriental, bem como na Letônia, Lituânia e Estônia em 1991;
- Greves, boicotes, desobediência civil e sanções externas a partir da década de 1980 tiveram um papel importante no fim do apartheid na África do Sul, no início dos anos 1990;
- Na década seguinte, a Sérvia (2000), a Geórgia (2003) e a Ucrânia (2004) puseram fim a regimes autocráticos por meio da mobilização para prevenir fraudes eleitorais ou resistir a resultados de pleitos fraudulentos;
- Em 2005, os libaneses conseguiram encerrar a ocupação do seu país por tropas sírias ao recorrer a grandes manifestações não-violentas;
- Em 2006, os nepaleses fizeram uso da desobediência em massa e forçaram a restauração de um governo civil;
- De 2007 a 2009, em meio a uma violenta revolta e diante de um governante militar, advogados, grupos da sociedade civil e cidadãos comuns no Paquistão pressionaram e conseguiram restabelecer a independência do judiciário e revogar as leis do estado de emergência no país.

Se não houver obediência, quem manda não consegue mandar

Esses movimentos citados, bem como outros movimentos de resistência civil, tiveram êxito porque se basearam em uma percepção fundamental sobre o poder: quase todas as instituições, organizações e sistemas em uma sociedade dependem do consentimento, cooperação e obediência constantes de um grande número de pessoas comuns. Assim, se as pessoas, de forma organizada e estratégica, decidirem não consentir nem cooperar, podem exercer o poder coercitivo. Quando elas não obedecem, presidentes, prefeitos, diretores executivos, generais e outros “detentores do poder” não conseguem mais governar com poder ilimitado.

Táticas não-violentas, como greves, boicotes, grandes manifestações, a desobediência civil, a criação de instituições paralelas e, literalmente, centenas de outras medidas criativas foram os instrumentos usados para fazer isso. Essas táticas não foram usadas necessariamente por motivos morais, mas sim pragmáticos. Parte dos que adotaram a resistência civil haviam visto estratégias semelhantes funcionar em outros países ou na sua própria história. Além disso, reconheceram que esse tipo de resistência era a que tinha as melhores perspectivas de sucesso entre as opções disponíveis.

Habilidades e condições

Em meio às inspiradoras vitórias desses movimentos sem violência, porém, a história e o mundo contemporâneo também nos oferecem exemplos de movimentos que fracassaram ou não tiveram um desfecho. O mundo assistiu às revoluções sem violência na Polônia e na Tchecoslováquia no mesmo ano em que testemunhou o massacre na Praça da Paz Celestial. Na última década, um grande número de pessoas usou de táticas não-violentas em Mianmar, Zimbábue, Egito e Irã, mas os objetivos desses movimentos ainda não foram alcançados. Na luta bem-sucedida de autodeterminação em Timor-Leste, a resistência civil foi indispensável. No entanto, embora esse tipo de resistência tenha ajudado a incitar movimentos civis contra ocupantes em outros lugares, como a Palestina, Papua Ocidental, o Saara Ocidental e o Tibete, essas lutas ainda permanecem sem solução.

O que está por trás das discrepâncias entre esses e outros casos?

Os fatores que levaram ao sucesso ou fracasso desses e de outros movimentos é um assunto sobre o qual pessoas sensatas e bem informadas podem discordar.¹ Cada situação é altamente complexa e estabelecer a causalidade direta é, na melhor das hipóteses, difícil. Os argumentos que mais ouço de estudiosos, jornalistas e outros são que as trajetórias e os resultados desses e de outros movimentos predominantemente sem violência foram determinados, em grande medida, pelas estruturas, condições e excepcionais circunstâncias em que cada movimento atuou.

Por exemplo, já foi argumentado que os movimentos não-violentos são eficazes apenas nas sociedades em que o opressor não está disposto a fazer uso de força letal. Outros talvez aleguem que determinados critérios econômicos (por exemplo, ideologia econômica, níveis de renda, distribuição da riqueza, presença de uma classe média) e os níveis educacionais são cruciais para o sucesso dos movimentos. Há quem sustente que a função das grandes potências e de quem exerce o poder hegemônico em cada região suplanta a importância de outras variáveis para determinar o resultado de um movimento. Há um grande número de outras estruturas e condições que podem ser citados — por exemplo, diversidade étnica, história política e cultural, tamanho da população, área — e, sem dúvida, muitas dessas condições podem influenciar a trajetória de um dado movimento.

¹ Para os fins deste artigo, defino os movimentos “bem-sucedidos” como os que alcançaram seus objetivos declarados e os movimentos “fracassados” como os que não alcançaram seus objetivos declarados. Essa definição também carrega um elemento temporal. Um movimento bem-sucedido pode alcançar seu objetivo declarado (por exemplo, o movimento laranja na Ucrânia em 2004), mas desafios à conquista desse movimento nos anos seguintes podem causar um retrocesso (mais informações sobre o caso da Ucrânia podem ser encontradas no artigo *The struggle after people power wins*, de Olena Tregub e Oksana Shulyar, publicado no site openDemocracy em 17 de novembro de 2010). Por outro lado, um movimento que fracassa e não consegue alcançar seu objetivo declarado (por exemplo, o movimento a favor da democracia na China, em 1989) pode gerar efeitos colaterais nos anos seguintes que promoverão, de forma construtiva, a causa do movimento (mais informações sobre o caso da China podem ser encontradas no artigo *Repression's Paradox in China*, de Lester Kurtz, publicado no openDemocracy em 17 de novembro de 2010). Embora não mude necessariamente a classificação de um movimento específico como “bem-sucedido” ou “fracassado”, esses efeitos posteriores podem ter grande força e, portanto, são dignos de nota por si só.

Como contraponto aos fatores estruturais e condicionais, aparecem os fatores baseados nas habilidades de um movimento para travar um conflito, isto é, o que é chamado no meio acadêmico de “atuação”. As habilidades e a atuação dizem respeito a variáveis sobre as quais um movimento exerce algum controle: a estratégia de ação que o movimento escolhe; a linguagem usada para mobilizar as pessoas e mantê-las envolvidas; como são construídas as coalizões; onde e como o movimento atinge seu adversário e um sem-número de outras decisões envolvidas na mobilização da resistência civil.

Na minha opinião, esses fatores baseados em habilidades normalmente não recebem a devida atenção ou são ignorados por quem entra em contato com movimentos não-violentos e os analisa. Os motivos pelos quais isso ocorre fogem ao alcance deste artigo, mas um deles talvez seja que as pessoas questionem ou desconheçam a premissa na qual se baseiam as ações não-violentas: por meio de mudanças no comportamento coletivo, o poder pode ser transferido de adversários arraigados e opressivos para os movimentos populares. Antes, partem do pressuposto de que, necessariamente, variáveis exógenas ou circunstâncias extraordinárias tornaram essa transferência possível nos casos em que ela ocorreu.

Contudo, podemos respeitar a função das estruturas e condições ao influenciar as trajetórias e resultados de movimentos não-violentos sem minimizar a importância da atuação e das habilidades. De fato, esses dois fatores fazem a diferença e, em alguns casos, permitiram que movimentos superassem, contornassem ou transformassem condições adversas.

A importância e, às vezes, a primazia das habilidades e da atuação são consideradas corriqueiras em outras disciplinas, como os negócios e o pensamento militar. Por que a luta não-violenta deveria ser diferente nesse sentido? Um general do exército ou um executivo de uma grande corporação reagiria aos risos ao ouvir que a estratégia teve uma importância apenas marginal para o resultado dos seus esforços. O clássico *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu, não seria tão conhecido se as pessoas achassem que o resultado de embates e interações contenciosas sempre fosse predeterminado pelas condições materiais.

Para retomarmos a pergunta da abertura deste artigo — o que determina a eficácia dos movimentos não-violentos? —, podemos começar a buscar respostas examinando as escolhas estratégicas e as melhores práticas colhidas de movimentos históricos. Existe uma variedade de fatores baseados na atuação e nas habilidades que podem influenciar o resultado de um movimento, mas, para simplificar, se os refinarmos até chegarmos ao essencial, veremos três atributos dos movimentos não-violentos bem-sucedidos: unidade, planejamento e disciplina da não-violência.

Unidade, planejamento e disciplina

À primeira vista, a importância desses atributos pode parecer óbvia por si só. Contudo, a profundidade desses atributos e amplitude das suas implicações às vezes passam despercebidas quando se examinam os movimentos em um nível predominantemente tático e granular. Cada um desses atributos merece ser detalhado.

A *unidade* é importante porque a força dos movimentos não-violentos vem da participação das pessoas de diversos setores da sociedade. Em resumo: a quantidade é importante. Quanto

mais pessoas o apoiarem, maior será a legitimidade, força e repertório tático de um movimento. Portanto, os movimentos bem-sucedidos buscam continuamente novos grupos na sociedade, como homens e mulheres, jovens, adultos e idosos; populações urbanas e rurais; minorias, membros de instituições religiosas, agricultores, trabalhadores braçais, empresários e profissionais liberais; os ricos, a classe média e os estratos econômicos mais inferiores; os policiais, os militares e os membros do poder judiciário; entre outros grupos.

Os movimentos bem-sucedidos também buscam continuamente quem apoia seus adversários, com base no entendimento de que um dos pontos fortes da resistência civil sustentada a serviço de uma visão unificadora é a capacidade para induzir a mudança de lealdade e a deserção nas fileiras do adversário. Por exemplo, ao combinar as perturbações da ordem cívica com o apelo pela conciliação nacional, o movimento contra o apartheid na África do Sul conseguiu obter apoio generalizado e gerar unidade em favor da causa da mudança, mesmo entre alguns brancos que antes haviam apoiado o Estado de apartheid.

Os participantes de movimentos sem violência também precisam tomar decisões complexas sobre o rumo que seus movimentos devem tomar. O planejamento estratégico é de importância central nesse sentido. Independentemente do mérito de uma causa ou dos atos indefensáveis do ponto de vista moral cometidos pelo adversário, a opressão não costuma ser vencida apenas por meio de atos de resistência espontâneos e improvisados, mesmo quando bem executados. Ao contrário, os movimentos progredem quando planejam como a resistência civil pode ser organizada e adotada sistematicamente pelas pessoas em uma sociedade para alcançar objetivos centrados e bem direcionados.

Decidir que táticas usar e como sequenciá-las; formular propostas de mudança incitadoras com base nas aspirações e queixas das pessoas que o movimento busca representar; planejar que pessoas e grupos devem ser alvo das táticas e os objetivos a serem perseguidos a curto, médio e longo prazos; e estabelecer linhas de comunicação para que as coalizões possam ser negociadas e construídas são apenas algumas das ações em torno das quais as estratégias dos movimentos sem violência precisam ser formuladas de maneira criativa. Para fazer isso, é necessária uma análise holística da situação em que a luta não-violenta ocorre. Como parte do processo de planejamento, os movimentos eficazes coletam informações de modo formal ou informal, ouvem as pessoas na base e analisam a si próprios, seus adversários e outros não comprometidos, ao longo do desenrolar de um conflito e de forma constante.

Por último, uma estratégia será eficaz apenas se for executada de forma disciplinada. O maior risco da falta de disciplina em um movimento não-violento é que alguns membros possam se tornar violentos. Assim, a disciplina da não-violência — a capacidade das pessoas de abdicarem da violência mesmo diante de provocações — costuma ser inculcada continuamente nos participantes. Existem motivos práticos para isso. Incidentes de violência provocados por membros de um movimento podem reduzir drasticamente sua legitimidade e, ao mesmo tempo, oferecer ao adversário uma desculpa para usar a repressão. Ademais, um movimento sistematicamente não-violento, tem bem mais chances de atrair uma ampla gama de possíveis aliados — até mesmo os que apoiam o adversário — ao longo do desenrolar da sua luta.

Um exame completo desses atributos poderia render livros, e o tema da resistência não-violenta é merecedor e continua a ser objeto de mais estudos sistemáticos. Cada

movimento que surge acrescenta um conjunto de conhecimentos ao entendimento coletivo desse fenômeno, porém ainda há muito sobre a arte e a ciência dessa forma de ação política e social a ser mapeado e desenvolvido.

Mas esses três atributos — unidade, planejamento e disciplina — são atemporais e, dessa forma, constituem um quadro geral por meio do qual quem participa e apoia esses movimentos, bem como quem os relata e estuda, pode avaliar rapidamente a situação de um movimento. Ele está unificado? Existe um plano? Ele é disciplinado? As ações dos que incorporam esses princípios na ação não-violenta já indicaram um caminho para um mundo com mais paz e justiça. O futuro será moldado por aqueles que continuarem a incorporá-los.